



Revista do Instituto de Estudos
Brasileiros
ISSN: 0020-3874
revistaieb@usp.br
Universidade de São Paulo
Brasil

Porro, Antonio

Um ‘tesouro’ redescoberto : os capítulos inéditos da Amazônia de João Daniel.
Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, núm. 43, septiembre, 2006, pp. 127-147
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=405641265006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Um 'tesouro' redescoberto : os capítulos inéditos da Amazônia de João Daniel.¹

Antonio Porro*

Em nota explicativa à primeira edição integral do *Tesouro Descoberto no Rio Amazonas*, que o jesuíta João Daniel escrevera durante os anos do seu cativeiro lisboeta (1757-1776), Wilson Lousada alertou para a falta, no manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, “de um caderno que deveria conter os capítulos 2º e 3º do Tratado Primeiro, e parte do Cap. 1º do Tratado Segundo, correspondendo, no códice, às págs. de número 3 a 18”². Tratava-se dos capítulos iniciais da Parte Terceira da obra e a sua existência e conteúdo eram revelados pelo *Índice de Matérias* do próprio manuscrito³. O índice, embora *a posteriori* e exigindo-lhe atenção redobrada, ajudava o leitor a atentar, à página 300 do tomo I, para uma discreta nota de rodapé : “No códice, após a página no. 2 segue a de no. 19; onde presume-se que se segue a continuação do 1º Cap. do Tratado 2º ” (a nota remetia a uma frase truncada seguida, sem o necessário corte na paginação, de mudança do assunto).

Em recente reedição da obra⁴, de resto calcada na anterior, a falta daqueles capítulos tornou-se ainda menos perceptível, seja por não reproduzir a oportuna nota de Loussada, seja por substituir o Índice de Matérias original por outro, editorialmente adequado mas ecdoticamente falho, visto suprimir, arbitrariamente, a menção que o primeiro fazia aos capítulos faltantes e à passagem do Primeiro para o Segundo Tratado. E isto não obstante estar reproduzindo, à página 408 do vol. I, a supracitada nota de rodapé da pri-

*Antonio Porro é doutor em antropologia pela Universidade de São Paulo e especialista em etno-história da Mesoamérica e da região amazônica. Desenvolve atualmente pós-doutorado junto ao IEB e é autor, entre outras obras, de *O Messianismo Maya no Período Colonial*, *As Crônicas do Rio Amazonas* e *O Povo das Águas*.

1 Veja-se, neste volume, a resenha de recente reedição da obra de João Daniel.

2 Daniel, João. *Tesouro descoberto no rio Amazonas*. Separata dos *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 95, t. 1-2, 1976. t. I, p. 5.

3 *Op. cit.*, t. II, p. 286.

4 Daniel, João. *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*. Rio, Contraponto / Belém, Prefeitura Municipal, 2 vols., 2004.

meira edição. A ausência dos capítulos também não foi relevada e nem parece ter despertado a curiosidade dos autores que trataram da obra de João Daniel, tenham eles se referido às duas edições integrais impressas (as únicas a conter a Parte Terceira), ou ao manuscrito da Biblioteca Nacional⁵. Não deixa de surpreender, este silêncio, face ao título chamaativo do tratado: *Das minas de ouro, prata e diamantes da região amazônica*, justamente um título, é lícito supor, que em tempos idos deve ter suscitado muitas curiosidades, não somente literárias.

O tratado foi encontrado. Está no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, agora acessível pelas cópias digitais do Projeto Resgate⁶. O verbete-sumário é ao mesmo tempo preciso e ambíguo:

3478 – [Post. 1754]

MEMÓRIA (1º caderno da 3ª parte) do “Tesouro descoberto no rio Amazonas. Dá notícia da sua muita riqueza nas suas minas, nos seus muitos e preciosos haveres e na muita fertilidade das suas margens. Tratado Primeiro: Das Minas de Ouro, Prata e Diamantes da região do Amazonas”.

Obs.: doc. incompleto e autor não identificado.

AHU_ACL CU_013, Cr. 37, D. 3478

Literalmente fiel ao cabeçalho do manuscrito, que consiste no Primeiro Tratado da Terceira Parte do *Tesouro*, o verbete não explicita o nome do autor, e embora a expressão *não identificado* possa sugerir autoria desconhecida, que João Daniel fosse o autor da obra já era sabido desde pelo menos 1820, quando a Imprensa Régia lhe publicara a Quinta Parte. O documento, de dezesseis páginas não numeradas, é declarado *incompleto*, visto que ao final da última vê-se grafada, como era costume, a primeira palavra de uma inexistente página seguinte: *Trat. 2º* (Tratado Segundo). Tal circunstância, por outro lado, atesta que o Pri-

5 Leite, Serafim. “João Daniel, autor do ‘Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas”, *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio, vol. 63, 1942, pp. 79-87; *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio, Imprensa Nacional, vol. IV, 1943; vol. VIII, 1949; Papavero, Nelson. “Relíquia do século 18”, *Ciência hoje*. Vol. 35 , 2004, n. 208, p. 77; Rodrigues, José Honório. *História da História do Brasil. 1º. parte :Historiografia Colonial*. S.Paulo, Ed. Nacional / Brasília, INL, 1979; Salles, Vicente. “Apresentação”, em João Daniel, 2004, vol. I, pp. 11-35; Tocantins, Leandro. “Introdução”, em João Daniel, 1976, t. I, pp. 7-24; Viotti, Hélio Abranches. “A Amazônia, a Companhia de Jesus e o padre João Daniel”. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio, v. 101, 1981, pp. 187-204.

6 Projeto Resgate de Documentação Histórica “Barão do Rio Branco”, *Documentos manuscritos avulsos da Capitania do Pará*, Documento no. 3478.

meiro Tratado está completo e que se compõe de *quatro* capítulos, não *três* como se lê no índice do Ms. da Biblioteca Nacional (BN) reproduzido na edição de 1976 e como reitera a nota de Lousada. Quanto a esta última, uma retificação se faz necessária: falta também, no Ms. BN, a parte final (quase a metade) do capítulo 1º. Já a primeira metade (duas páginas na obra impressa, cinco no seu Ms.⁷), existente nos dois códices, evidencia que o do AHU não é, como poderia-se supor, o caderno faltante no da BN, mas uma cópia, aliás em formato e caligrafia diferente, com muitas pequenas variantes e omissões.

A ausência de um caderno na obra original e a existência, em outro acervo, de uma cópia em que o diferente formato revela não ter sido feita para substituí-lo, é no mínimo intrigante. Especialmente ao se levar em conta, como já assinalado, o interesse que um tratado sobre minas de ouro, prata e diamantes numa longínqua colônia recentemente resgatada ao virtual controle jesuítico, deve ter despertado na segunda metade do século XVIII. Não parece, portanto, descabida a hipótese de que o caderno tenha sido subtraído, copiado com fins facilmente imagináveis e não devolvido ao seu legítimo proprietário.

Na realidade, e em contraste com a ‘muita riqueza nas suas minas’ anunciada com grandiloquência no título e ao longo dos seus capítulos, o conteúdo factual deste Tratado Primeiro é mais do que modesto e, a rigor, não justifica a enfática certeza de futuros grandes achados. Isto talvez tenha levado o próprio autor, mais adiante, a ajuizar sensatamente:

São as riquezas do rio Amazonas e o tesouro de que falo, a grande fertilidade das suas terras, as preciosas especiarias das suas matas e as copiosas colheitas dos seus frutos, porque nos frutos da terra e bens estáveis consiste a mais estimável riqueza dos homens, e não nos ouros, pratas e preciosas gemas, que de repente se podem perder e desaparecer em um momento. (Parte Quinta, Proêmio).

O teor do Tratado não foge ao que predomina nas Partes I a III do *Tesouro*, que são as partes descritivas e, mesmo dentre elas, a qualidade da informação não se iguala à dos demais Tratados da Parte III, que versam sobre plantas úteis, frutos, madeiras e especialmente sobre produtos *in natura* e beneficiados de origem animal e vegetal. Mais do

⁷ Agradeço à Biblioteca Nacional, por sua Divisão de Informação Documental, o fornecimento das imagens digitalizadas de páginas do manuscrito.

que a informação sobre localização e produtividade dos garimpos, temas presumivelmente difíceis de apurar, são de interesse algumas considerações e opiniões do autor, como a de que nas elevações ao norte do Amazonas, entre o Paru e o Negro, haveria sinais de ouro que a coroa não teria permitido explorar por não ter gente para povoar e defender contra previsíveis pretensões de França e Holanda. Ou a proibição, que critica, das ricas comunidades mineradoras do Peru e do Potosí se abastecerem de mercadorias européias em Belém do Pará. Ou ainda o frustrado desenvolvimento dos garimpos do alto Tocantins-Araguaia, seja pelos ataques dos Akwén-Xavante, seja pela interdição da região do rio Pilões em benefício do contrato exclusivo dos diamantes.

Embora algo decepcionante por um conteúdo que não corresponde à expectativa criada, este manuscrito vem preencher uma lacuna que, se não assinalada pela crítica, não deve ter passado despercebida aos leitores mais interessados. Com a sua publicação, a parte faltante da obra de João Daniel se reduz ao começo, provavelmente uma página, do primeiro capítulo do Tratado Segundo.

* * * * *

Na transcrição que se segue, as únicas intervenções no texto foram a atualização da grafia, o desenvolvimento das formas abreviadas e a pontuação; nomes próprios de pessoas e lugares foram trazidos para a forma moderna. Foram também inseridas, entre <...>, partículas e termos visivelmente faltantes ou necessários ao entendimento, e entre [...], dúvidas ou alternativas de leitura sugeridas. Demais observações estão nas notas de rodapé.

[1] Parte 3 a. do Tesouro descoberto no Rio Amazonas

Dá notícia da sua muita riqueza nas suas minas, nos seus muitos e preciosos haveres e na muita fertilidade das suas margens.

*Tratado primeiro
Das minas de ouro, prata e diamantes da região do Amazonas.*

Cap. 1º. Dá notícia em geral dos seus muitos minerais.

1º. Ainda que a principal riqueza das terras não consiste em ter muitos minerais, mas sim em ser fértil o seu terreno, assim como a riqueza dos moradores não consiste em tratar ouros e outros metais, mas sim em ter abundância de víveres para sustento de suas casas, como se vê

no grande Egito e em muitos outros reinos onde a muita fertilidade das suas terras são envejada riqueza dos seus habitantes, posto que a falta de minerais seja grande. Contudo, para mostrar aos leitores que o máximo rio Amazonas não só é rico na fertilidade de suas margens e abundância de preciosos haveres e víveres, darei por princípio desta 3^a. parte uma notícia dos seus muitos e grandes minerais de ouro, prata, diamantes e mais pedras preciosas com que aumenta as grandes riquezas do seu precioso tesouro.

2º. E primeiramente, para que os leitores possam fazer algum conceito, é preciso trazer à memória as grandes serranias que dissemos na primeira parte: tem o rio Amazonas nas suas ilhargas, ou sejam as do norte, que principiando na foz do Amazonas com o nome de serras do Paru, vão subindo com o mesmo rio a quem servem de vistosas margens até os reinos de Quito e Popayan, onde se conhecem com o célebre nome de cordilheiras por espaço de mil e tantas léguas e com largura de quarenta ou mais, que tantas se contam na região a que os [2] geógrafos chamam Guiana, ou sejam as

3º. Outras altíssimas serras que, da parte do sul, posto que em maior distância do Amazonas, lhe vão fazendo lado desde as serras de Ibiapaba em 3 gráus de latitude meridional e 336 de longitude até os reinos de Peru e Quito em gráus de latitude [em branco] e de longitude [em branco], chamadas já serras de Ibiapaba, já Moça dos Figos, já Chapada grande e finalmente, no império do Peru, Mantiquera, e no reino do Chile, Andes, com o comprimento, de leste a oeste, quanto vai de 336 gráus até [em branco] e com a largura de sessenta, cinquenta e mais léguas de uma mui aprazível planície por cima, além de muitas e compridas mangas ou braços que vai lançando de si já para o sul e já para o norte e muitas voltas que vai fazendo como uma grande cobra enroscada. Em outras partes se divide esta grande cobra em duas, lançando uma para sul e outra para norte, e cada uma com seus braços ou roscas de muitas léguas. Suposta pois esta breve notícia das grandes serras da América que mais difusamente descrevemos na primeira parte, toda ela, digo, é um continuado mineral de ouro, prata, diamantes e muitas outras pedras preciosas, de sorte que afirmam os práticos ser a terra mais rica de minerais que até agora se tem descoberto em todo o mundo.

4º. E principiando pela margem boreal, as serras que os portugueses chamam de Paru, desde a foz do Amazonas até o rio Negro, estão tão cheias de sinais de ouro que já os geógrafos todos as assinalam com sinais de ouro. Porém, como Portugal não tem gente com que possa animar tanta vastidão de terras e muito menos fortificá-las como era necessário, de

propósito não quis nessas terras abrir minas para evitar contendas e um seminário de guerras com França e Holanda. De sorte que ainda algumas minas, que por acaso se tem descoberto junto ao mesmo rio Amazonas, onde os portugueses estão bem fortificados com vários fortés que têm pela sua margem, contudo logo se mandam encobrir para não meter cobiça às mais potências. Confirmam os índios dos rios que medeiam entre a fortaleza do Paru e a fortaleza de Pauxis, que nas suas cabeceiras há muito ouro; mas, como milita por todos aqueles rios a mesma razão, não se admitem os seus informes, mas antes se encobrem as suas notícias. Em uma das povoações da mesma margem se descobriu [3] ouro em muita quantidade quase à porta do seu missionário pelos anos de 1755 *circiter*⁸ debaixo de um jirau. Jirau chamam no Amazonas uma como grade de paus levantados da terra, onde costumam secar carnes, peixe ou qualquer outra cousa; e debaixo desse jirau, por cima ou à flor da terra, apareceu ouro, porém logo se procurou encobrir, como já se dizia de muitas outras paragens.

5º. Para cima do rio Negro, ou pela sua altura, ou entre ele e o grande rio Japurá, se discorre estar o celebér-rimo lago de Ouro e *<a>* cidade de Manoa, por cujo desco-brimento se tem cansado muitos aventureiros; porém ninguém dá com ele, ao mesmo tempo que todos afirmam a sua existência. O grande missionário jesuita⁹, fundador de quase todas as missões que há no rio Solimões até o Pongo¹⁰, não só ilustrou o rio Amazonas com as luzes do Evangelho, mas também com muito acurado mapa pelo qual, impresso, o deu a conhecer ao mundo, e pela muita comunicação que teve com aqueles primeiros índios parece ter mais razão para o saber; diz que o dito lago de ouro chamado Parima e a dita cidade Manoa, estão entre os rios Urubu e Negro. Monsr. Condamine, que navegou o dito rio em 1744, presume que está nas margens do rio Japurá, porém eu mais me inclino ao parecer do dito missionário, que pela muita comunicação com os índios e pelo dilatado espaço de trinta ou mais anos que viveu entre eles, andando em contínuo giro para baixo e para cima, tinha mais razões para o saber, do que ao pa-recer de Condamine, que só uma vez navegou de passagem; mas esteja onde estiver, visto que os índios não *<o>* querem mostrar, ou Deus o quer encobrir como encobriu *<por>* tantos mil anos aos homens a mesma América, com ser tão dilatada como o mundo, as primeiras notícias que se espa-

8 Latim: aproximadamente.

9 Samuel Fritz, das missões espanholas de Mainas na Amazônia peruana.

10 O estreito de Manseriche, no rio Marañon (alto Amazonas).

Iharam deste lago são que as suas margens, areais e fundo, tudo é de ouro tão amontoado como os montes de pedra ou montes de areia onde os há e que junto ao lago, ou muito perto dele, está uma grande e rica cidade chamada Manoa, toda fabricada de ouro, assim nas suas ricas paredes e telhados, como com todos os seus trastes, e quando se descobrir, que talvez será quando se entre a povoar as suas dilatadas terras, chegará a Portugal um muito amplo tesouro só naquele lago, de sorte que a mesma água, com estar a correr em tão precioso metal, será um tesouro medicinal para curar muitas enfermidades. Nem pareça aos leitores ter sido [?] sonhado o dito lago, por não se ter até agora descoberto, porque devem saber que os moradores do rio Amazonas apenas frequentam as suas margens com algumas pequenas povoações distantes umas de outras quinze ou mais dias de viagem, e ainda que alguns têm subido pelos rios colaterais, só chegam às suas margens e não entram no interior dos matos sob pena de ficar perdidos, como tem sucedido a muitos pelo muito intrincado e espesso das matas, pelo labirinto de lagos e pelos muitos rios e ribeirões que cortam aquelas terras, e por isso não faz admiração, aos que têm conhecimento daquelas terras, que não se tenha [4] ainda descoberto o lago dourado Parima.

6º. No mesmo rio Negro se descobriu, pelos anos de cinquenta e tantos, uma mina de azougue¹¹ entre ele e o rio Japurá que lhe fica a oeste; estão já minas de ouro abertas e mui rendosas pelos castelhanos, as quais, pela divisão do Tratado de Madri de 1750 entre as duas potências, ficam pertencendo a Portugal, como afirmou o P. M. Brentano, jesuíta, Provincial que foi da sua Província de Quito e depois Procurador geral da mesma em Roma, para onde desceu pelo Amazonas abaixo até o Pará, onde o afirmou, e mais em Lisboa. E além destas minas há prova evidente que o dito rio tem ouro nas suas margens, porque muitos índios que dele têm descido para as missões traziam por brincos nas orelhas folhetos de ouro bruto, por razão de não saberem nem terem instrumentos de o prepararem, e de tais índios ainda há descendentes na missão de Pupains [*ou Tupains; seria Tapajós?*], hoje Vila de Santarém, e em muitas outras.

7º. Nas cabeceiras do dito rio Japurá, que são as serras que vão continuando e pelo meio das quais sobe a divisão dos dois domínios até a altura do dito Japurá, que são parte da região que os geógrafos chamam Terrafirme e os castelhanos Novo Reino de Granada, são tantos os minerais que os mesmos castelhanos, para declarar a sua muita riqueza, também lhe chamam Castilha del Ouro. Por cima, seguindo

11 Mercúrio.

o rumo deste, segue o Reino de Quito, tão rico de prata e ouro que todo ele parece um continuado mineral <e> em cujas minas é tanta a prata que se tiram grandes pedras que eu mesmo ví nos castelhanos que desceram pelo rio Amazonas e as levaram para admiração da Europa, e prata batida do feitio de jabutis, que são uns grandes cágados que há nas matas e campinas do Amazonas, em tanta quantidade que apenas caberia em um navio, de sorte que qualquer morador particular tem tanto ouro e prata que com razão se pode chamar rico, e na verdade o seriam todos os seus moradores se não fossem tão custosas as mercadorias da Europa, que só para os seus carretos por terra desde os portos consomem muitos cabedais; por isso desejam eles o comércio com os portugueses do Pará por meio do rio Amazonas, porque dizem que compradas as drogas da Europa no Pará e transportadas pelo rio acima com três ou perto de três meses de viagem e em canoas de aluguel, confessam que ainda assim lhes saem por metade e menos do que transportadas e conduzidas lá pelos seus portos; porém é esta comunicação e comércio proibida com os ditos portugueses com bom pesar de uns e outros, que por mais que o pretendam não o conseguem. Estas são as riquezas do grande tesouro do Amazonas da parte do norte, que são as menos¹² pelas razões que dissemos.

Cap. 2º.

Das minas descobertas na margem do sul.

1º. Já dissemos que toda aquela vastidão de serras, ou onde cada pedra são, [5] segundo afirmam todos os práticos, um continuado mineral já de ouro, já de prata e de muitas outras preciosidades; porém, as minas de que aqui só pretendo dar notícia são as que atualmente se trabalham na região que os géógrafos chamam região do Amazonas, e por isso não falo das minas Gerais, que no seu mesmo nome indicam a sua grande vastidão, e as minas do Serro do Frio, onde os diamantes se medem aos alqueires, e as minas do Cuiabá, também de muito ouro, porque posto que estejam nas ditas serras, estão fora da dita região do Amazonas, ainda que de algum modo lhe pertencem por serem quase continuadas com as mais minas que se encontram inclusas na tal região e todas na demarcação dos portugueses. Principiando pois da sua mesma foz, esse rio Tocantins, que é o primeiro dos mais caudalosos que recebe junto à cidade do Pará, unido com o rio Araguaia, quase semelhante a ele na grandeza, e ainda de mais extensão no comprimento; nas suas cabeceiras tem as minas seguintes. 1ª. principiando por

12 Menores.

leste, tem as minas do Carmo, chamadas arraial do Carmo, as quais estão entre o rio chamado rio do Sono, caudalosíssimo, e um riachão, os quais ambos se metem no rio Tocantins, e são as minas mais boreais que tem o rio Tocantins a leste. 2º. Minas das Almas, chamadas Arraial das Almas e ficam nas cabeceiras do rio chamado das Almas, que se mete no Tocantins da mesma parte do leste. A norte destas ficam, 3º. as minas da Natividade em outro grande arraial nas margens do rio chamado rio das Minas da Natividade, entre ele e o rio Tocantins. 4º. A leste do mesmo rio estão as minas de Sta. Anna, chamadas arraial de Sta. Anna. 5º. Na margem do oeste do rio Tocantins, nas margens do rio chamado Corichas, que se mete no dito Tocantins da parte de oeste¹³, e a norte do dito Corichas estão as minas do Pontal, juntamente Arraial; têm porém o desar de serem estas minas infestadas e combatidas do tapuia bravo chamado Chavante de Quâ¹⁴. 6º. Nas cabeceiras do mesmo rio Corichas estão as minas e arraial chamadas de Amaro Leite. 7º. A oeste destas, inclinando para o norte, estão as minas chamadas Corichas com o seu arraial e ficam entre as cabeceiras do dito rio Corichas e as de outro pequeno rio que mete no grande rio Araguaia; este Araguaia também se vai metendo no Tocantins perto já da sua foz. Subindo o rio acima, já na volta que faz virando para oeste tem, 1º, as minas de S.Félix, chamadas a chapada de S.Félix; ao oeste destas ficam outras minas com seu arraial também de S.Félix; estão junto à foz do mesmo rio, onde se mete no Tocantins, e todas estas minas pertencem no espiritual ao bispado de Pará. Ao sul das minas de S.Félix ficam outras minas com seu grande arraial, nas cabeceiras de um rio que deságua no rio da Palma antes deste se meter no Tocantins; e a sul destas, outras com seu arraial nas cabeceiras de outro rio. A sul destas, ficam as minas chamadas minas do Papaolho [?], suposto que pelo bom ouro que têm. A oeste destas, declinando para norte, estão outras minas com seu grande arraial, chamadas as minas do Cavalcanti, nome ou sobrenome do seu descobridor, e ficam na margem de [6] leste do rio das Almas.

2º. Subindo, a oeste desemboca no Tocantins o rio Baçalhau, tão rico que por todo ele há minas, e a sul destas fica uma serra que pelos seus muitos minerais chamam serra Dourada. A oeste ficam as minas de S.José, com seu grande arraial, mas muitas léguas distantes ficam outras minas também chamadas de S.José; ao oeste se mete no Tocantins o rio Traíras, com umas grandes minas e arraial

13 Deve ser o rio Crixás-Açu, que porém, como diz a seguir, deságua no Araguaia.

14 Akwên-Xavante.

chamadas minas Traíras; a oeste destas deságua o rio Co-cais, com minas; ao oeste destas está o arraial e minas de Sta. Rita. Ao oeste destas deságua no rio Tocantins o grande rio Maranhão, célebre pelas suas minas de ouro que nele se descobriram, chamadas minas do Maranhão, tão ricas que nelas se achou também, à flor da terra, o maior folheto de ouro que se tem descoberto, de quarenta e seis libras e pelo qual houve graves demandas, e se achou deste modo: quando na repartição se dividiram as terras que concorreram, coube na divisão, ao escrivão que fazia os assentos, o lugar onde ele estava assentado sobre uma pedra, ao parecer de todos forma [?] com a terra em circunferência. Já acabada a diligência, querendo logo tomar posse do que lhe pertencia, mandou para isso a doze escravos apartar a dita pedra que lhe servia de assento, mas indo a virá-la acharam que era pedra de ouro com quarenta e seis libras, de que o escrivão foi tão contente que andou por satisfeito <e> não quis mais minas; falando nela a comum sentença --- *Crescit amor nummi, quantum ipsa pecunia crevit*¹⁵. Estas minas, não obstante serem tão ricas, se desampararam por razão de serem muito doentias, de sorte que morriam dez, doze e mais pessoas cada dia; já porém são mais sadias e se tornaram a frequentar porque se pôs melhor providência na água de beber, que antes era veneno. A norte destas, já junto à volta ou cotovelo que faz o dito rio Maranhão quando se vai meter no Tocantins, ficam as minas e arraial chamadas de Sta. Rita. Todas essas minas até aqui relatadas e algumas mais de que não sei os nomes próprios, são de ouro e pertencem no espiritual ao bispado do Pará, mas no temporal têm seu Governador ou Capitão Geral diverso.

3º. Subindo para oeste se seguem grandes serranias entre este braço do Tocantins que chamam rio Maranhão e o grande rio Araguaia, o qual Araguaia sendo tão grande que terá navegação por mais de cinquenta ou sessenta dias de viagem. Quase todo é despovoado, assim por falta de gente como por ser infestado dos tapuias bravos, e só na altura de gr. [em branco] tem, nas cabeceiras de um riacho no sertão que medeia entre Araguaia e Tocantins, as minas que já disse acima, chamadas de Amaro Leite. Nas cabeceiras, porém, é o Araguaia um dos mais ricos rios que desaguam no Amazonas, porque primeiramente tem, a leste, nas cabeceiras de alguns rios que nascem nas serranias que medeiam entre as cabeceiras do Araguaia e o rio Maranhão de que já falamos, as minas chamadas Meia Ponte; por isso têm um grande arraial ou povoação assentada e estável, com duas boas igrejas [7] e um hospício dos esmoleres de S. Francisco;

15 Latim: Quanto mais cresce a riqueza tanto mais cresce o amor pelo dinheiro.

têm a boa comodidade para o ouro: três rios, dois a leste e um a oeste, que vão desaguar ao Araguaia unidos ao rio chamado dos Pilões, que os vem recebendo, o principal dos quais se chama Meia Ponte e dele se chamam as minas de Meia Ponte. Desce este rio de uns montes, chamados Pireneus, que fazem divisão de águas do rio Maranhão e Araguaia. A leste tem as minas chamadas do Ouro Fino, pela singularidade do metal; são também povoadas com um bom arraial e ficam como no meio ou centro do vão que medeia entre este rio e o Maranhão supra, distante da grande vila de Goiazes cousa de oito léguas, quase alcantiladas, a qual vila é a capital de todas estas minas e outras que logo diremos, aonde assistem governador, ouvidor e mais ministros reais com belos templos e casarios, com dois rios que lhe passam pelo meio. É povoação grande e cabeça de tudo o que está povoado no Araguaia e suas cabeceiras e vertentes. A oeste das já ditas deságua no rio Araguaia o rio Pilões, célebre pelas suas minas de diamantes além de muito ouro, porém *< não aproveitadas >* por causa do contrato dos diamantes das minas do Serro do Frio, das quais darei aqui alguma notícia para inteligência de muitas outras minas, descobertas na região do Amazonas mas proibidas por causa das minas do Serro do Frio, que já não estão no distrito da região amazônica.

4º. O Serro do Frio são uns montes ou grandes serras que estão no governo e bispado de Minas Gerais, as quais confinam por norte com as minas de Goiazes que acabamos de descrever. Todo este bispado e governo das Minas Gerais está cheio de ouro, prata, diamantes, esmeraldas, topázios e muitas outras preciosidades, e por isso é o governo mais povoado de toda a América Portuguesa, de sorte que afirmam alguns práticos que está tão bem povoado como o mesmo Portugal. A sua capital é Vila Rica, que está distante da cidade de Mariana duas léguas, em 20 gr. de latitude meridional e 333 de longitude e se podem chamar uma só povoação, porque a *<s>* cidade *<s>* de Mariana e Vila Rica têm uma famosa rua de uma a outra, pela qual se pode chamar com verdade uma só. Mas deixando a sua descrição e multiplicidade de minas que tem para os que descreverem aquele governo, umas delas são as riquíssimas minas do dito Serro do Frio, as quais são mui rendosas de ouro e diamantes, os quais, por serem inumeráveis e não perderem por isso destinação, El Rei D.João 5º. o tomou para a Coroa no ano de 1730 e tantos; comandou minerar por via de contrato, proibindo juntamente minerar o ouro no seu distrito, por cuja causa se viram obrigados os mineiros seus povoadores a desertarem para outros minerais, deixando aqueles livres ao contratador ou contratadores dos diamantes, os quais ar-

rematam o contrato desta. Determina El Rei o número dos pretos do contratador, *verbigratia* 300, e ele se obriga a dar [8] a El Rei a quantia em que arrematou por ano, *verbigratia* dois milhões, e fora a quantia se obriga a remeter à Casa da Moeda da Corte, onde se vendem por partidas e não lhe é lícito vendê-los ou passá-los a seu arbítrio e desta sorte só se arremata o contrato. Por esta razão são proibidos todos os mais minerais de diamantes para não prejudicar ao contratador, e dizem serem tantos, neste Serro do Frio que se chegam a medir aos alqueires, posto que têm sua distinção uns dos outros conforme a sua grandeza, fineza e lotação. Os diamantes do rio Pilões, nas minas de Goiazes, dizem ser em muita abundância e tão finos como os do Serro do Frio, porém, pela razão dita, se proibiu o mineral deles, e por causa deles o minerar ouro no dito rio, pagando El Rei a uma escolta de soldados para sua guarda atualmente, neste e outros rios de que abaixo diremos.

5º. Tornando à chapada grande, dela só a parte que pertence à região do Amazonas, que é só desde as suas vertentes ao rio Amazonas, posto que ainda talvez por isso lhe pertençam algumas minas no governo das Gerais, de que não trato por ser já de outro governo, e continuando a oeste conforme o rumo do Amazonas, adiante das minas de Goiazes e Pilões, seguem as de Mato Grosso, que são governo separado e compreende desde Goiazes a leste até a divisa dos domínios entre Portugal e Castela e tem em sí as riússimas minas chamadas do Cuiabá, de que não trato por estarem nas cabeceiras do rio Cuiabá, que tem as vertentes para o rio Cuiabá, que deságua na lagoa Xaraes, mãe do grande rio da Prata, e as sobreditas minas de Mato Grosso. Estão essas minas nas cabeceiras do rio Sararé, ramo do rio Guaporé, braço do grande rio Madeira; dista_m das minas de Goiazes cousa de 300 léguas, do rio Sararé quatro e do rio Guaporé oito. Descobriu essas minas um paulista, mineiro da vila de Cuiabá, bem *por* acaso, porque divertindo-se a cavalo por essas alturas, acaso topou e virou o cavalo com a ferradura uma pedra que, toda ela, era um grande folheto de ouro, o que advertido por uns escravos que o seguiam, avisaram o cavaleiro seu senhor, que admirando o bem achado, mandou buscar mais e logo achou tantos folhetos que voltou logo carregado para a dita vila de Cuiabá pelos anos de 1740 pouco mais ou menos. Divulgou-se logo a fama de tanto ouro, acudiram tantos que em breve tempo formaram uma grande povoação que o Sr. Rei D.João 5º. foi servido criar cidade¹⁶ e capital do novo governo em lugar da vila do Cuiabá, que antes era a cabeça daquelas minas do Cuiabá. São essas

16 A cidade de Mato Grosso.

minas do Mato Grosso as últimas que possui o domínio de Portugal na região meridional do rio Amazonas, nas cabeceiras dos seus rios colaterais, e não tem mais por falta de gente, porque todas aquelas vastidões são despovoadas, como também quase todos os rios, exceto as suas bocas, até o rio da Madeira, e os mais daí para cima são todos [9] despovoados de portugueses. Antes porém de entrarmos no distrito de Castela e no grande império do Peru que segue a oeste do Mato Grosso, darei notícia de outros minerais da mesma margem, mas mais vizinhos ao dito Amazonas, posto que nos seus colaterais.

Cap. 3º.

De outros minerais do rio Amazonas.

1º. Até agora fomos seguindo as cabeceiras dos rios colaterais do Amazonas, de leste a oeste e até o Mato Grosso; agora desceremos de oeste para leste na mesma margem do sul do rio Madeira para baixo; digo do rio Madeira para baixo pela razão que já disse, que nos mais rios que se seguem para cima, que são muitos ainda, os portugueses não têm entrado mais do que os poucos que vão apanhar o cacau, cravo, salsa e mais frutos das suas matas de que falaremos adiante. A primeira mina *<de>* que se sabe descendo, é do rio Megue¹⁷, o qual está a leste ou abaixo do rio Madeira e ainda do rio Abacaxis e outros de menor conta.

2º. Descobriu estas minas, por acaso, um português mineiro, N.Pontes [?], porque entrando naquele rio a fazer uma feitoria de cravo, outros frutos nele descobriu e achou ouro pelos anos de 56 ou 57, e para prova mandou algumas oitavas ao Capitão Geral que então governava aquele Estado; e posto que por então se não povoaram por falta de gente, suposto que já agora se trabalharam por estarem muito em cômodo, mais que todas que acima disse, e *<de>* como por então se sustiveram, não pude ter delas mais individuais notícias, *<logo>* não posso dizer se são ou não abundantes e minas de boa conta, como dizem os mineiros.

3º. Abaixo do Megué e outros rios pequenos está o grande rio Tapajós, que deságua no Amazonas em 2 gr. e 30 min. de latitude, e 322 de longitude. É rio também pouco frequentado, porque só na sua boca, até cousa de 30 léguas acima, tem algumas poucas aldeias de índios, contudo é o rio de que se tem mais alguma notícia por ter vindo por ele abaixo um mineiro. Veio fazendo com os negros da sua companhia algumas observações, ou movido da ambição, ou de curiosidade, ou por ambos estes motivos, chamado João de Sousa de Azevedo, e por relação dele depois de alguns

17 Maués .

outros, se presume que ambas [10] as suas margens, até as suas cabeceiras, têm muitos minerais, porque nas suas cabeceiras, que são junto do rio Cuiabá em 16 gr. de latitude e 321 de longitude, tem as minas ditas de Cuiabá, que deixamos por estarem mais para a parte do dito rio Cuiabá; das mais, direi primeiro o que referiu o dito mineiro que o navegou no ano de 1746 e foi o seguinte.

4º. Saí das minas de Mato Grosso e andei por caminho de terra na chapada quinze dias a rumo de leste inclinando para norte; embarquei no rio Tapajós na paragem onde se descobriram antes as minas chamadas de Sta. Isabel, que depois se desampararam por serem de pouco rendimento. Metem nele muitos *<rios>* de uma e outra parte, e um a que pelo seu feitio chamam rio das três barras. Mandei cavar eachei ouro de boa conta, de que tirei algum e dele dei ao Capitão Geral Francisco Pedro Gurjão, que então governava o Estado do Pará e Maranhão, sessenta e quatro oitavas, que o dito Geral mandou ao Sr. Rei D.João 5º por prova e amostra. Isto, em substância, *<é>* o que referiu o dito mineiro, com a circunstância de vir de passagem, e *<pelo fato de>* que, se deu sessenta e quatro oitavas de amostra, já se vê que havia de ficar mui bem provido, e não falta quem diga que ele em muitas outras partes achara ouro, porém, *quid quid sit de hoc*¹⁸, depois se soube, já por relação do mesmo e de outros, que no rio chamado dos Arinos se descobriram umas riquíssimas minas de ouro as quais, pela sua muita abundância, se principiaram logo a povoar com muitos mineiros, já do Cuiabá, já do Mato Grosso, que logo se quiseram firmar fazendo sementeiras e plantando víveres para sustento dos seus negros, que são as primeiras diligências dos mineiros; porém se viram logo obrigados a *<se>* retirar por uma de duas causas em que variam as notícias. 1ª, dizem alguns, que fôra por se sumir o ouro de repente, efeito que atribuem a castigo de Deus, empressa [*em razão ?*] de várias demandas que logo principiaram com seu descobrimento, especialmente entre os vigários das minas de Mato Grosso e Goiazes ou Cuiabá, sobre cuja jurisdição diziam pertencer as novas minas do rio Arinos, e chegaram a grandes excessos os litigantes, e para de uma vez [11] se apagarem lhes cortou Deus sumindo-lhes o ouro; e confirmavam esta sua suspeita com muitos outros semelhantes sucessos em muitas outras minas em que, por semelhantes fatos, se tinha sumido o ouro de repente. Bem pode ser que Deus, com paternal amor, tire assim a causa de muitas desgraças.

5º. Porém o mineiro supra, que foi um dos que também concorreram à fama de tanto ouro, contava alguns

18 Latim: Seja isto como for.

particulares *<de>* outra causa, que parece ser mais verossímil, de que pelo grande concurso de mineiros que logo concorreram, foi necessário ao ministro régio ouvidor, não só tomar posse, mas repartir, como se costuma, a cada um as terras. Sucedeu pois, que quando andava nesta diligência e na presença de muitos circunstântes, veio um dizendo que não só eram minas de ouro, mas também de diamantes, por quanto tinha achado alguns que mostrava. O ouvidor, que também se queria aproveitar como os mais, posto que logo conheceu os diamantes quis disfarçar a notícia dizendo que não eram verdadeiros; instou o mineiro que bem os conhecia e alegava em confirmação várias razões, as quais não podendo o dito ministro disfarçar sem reparo dos circunstantes e sem perigo de grande culpa no seu ofício, respondeu ao mineiro --- Pois visto serem diamantes, V.Mce. com todos os mais se retirem desta paragem sob pena de morte --- E isto pela razão do contrato dos diamantes das minas do Serro do Frio, que acima dissemos, e desta sorte, retirando-se todos, ficaram as minas logo desertas como sucede a todas as mais em que aparecem diamantes, e por esta causa desceu o mineiro supra pelo rio abaixo, vendo-se obrigado a também se retirar. Deságua o dito rio dos Arinos no rio Tapajós, cuido que na margem ocidental, e é um dos mais avultados que recolhe o rio Tapajós.

6º. Pouco acima da sua foz, em cousa de quatro dias de viagem ao menos, tem o dito Tapajós um grande mineral que parece ser encanto: o mineral é tão grande que na mesma flor da terra ocupa as altas ribanceiras e margens do rio de uma e outra parte em grande espaço, e mostra que pelo fundo do rio se comunica até de uma margem [12] com a outra, mas tem esta diferença, que na margem ocidental é mineral amarelo como ouro e na margem de leste, ou oriental, é branco como prata, e tudo em tanta abundância que à mesma flor da terra se podem carregar frotas inteiras. Digo que parece ser encanto porque o mineral de uma parte do rio parece aos olhos verdadeira prata e todos *<os>* que vêm as suas pedras afirmam que é prata. E como tal anunciou um mineiro ao desembargador João da Cruz *<Diniz>* Pinheiro no ano de 1754 *circiter*¹⁹, mostrando-lhe juntamente uma amostra e oferecendo-se a ir mostrá-la se o soltasse, porque estava então preso na cadeia pública. Posto que já os moradores do dito rio, havia anos, sabiam da dita mina, aceitando o dito mineiro²⁰ a notícia, partiu com o dito mineiro em sua companhia, e depois de ver com seus olhos o grande mineral, logo tomou posse das minas e mandou

19 Latim: aproximadamente.

20 Não seria *desembargador* ?

deitar um pregão de que ninguém, sem licença, lá chegasse, com pena de morte, confiscação de bens e [?] espalhando que eram minas riquíssimas de prata e das suas pedras carregou a sua embarcação para no Pará se ver o seu grande rendimento. Na volta, porém, e no maior contentamento de ter ajuntado à Coroa umas tão grandes minas, de repente lhe fugiu uma noite o mineiro, ou por saber do engano, ou por se temer de que a não pudesse extrair, ou por alguma outra causa, e logo o mineiro²¹ entrou em desconfiança de que o tinha enganado, e mais se confirmou na sua suspeita depois que no Pará mandou fazer várias experiências para extrair e purificar a prata, e todas saíam frustradas porque o metal que parecia prata, parte se desfazia em fumo e parte ficava uma como escória, de que o dito mineiro²² mostrou umas inteiras nos cantos do seu palácio aos hóspedes que as queriam ver, de sorte que ficou totalmente persuadido de que fora enganado e que era prata falsa, não obstante a presença do metal e a atestação de um religioso que há muitos anos era missionário daquele rio e afirmava que a lâmpada da sua igreja fôra feita daquela prata e mostrava ser verdadeira, só com o desar de que quando se queria limpar se não podia formosear como a mais prata. E por todas estas razões parece<m> encanto as tais minas, por talvez se não dar na indústria de a saberem extrair e purificar, e sendo verdadeira prata bastará a sua grande mina para fazer grande o tesouro do Amazonas pela grande comodidade que tem para os seus povoadores.

7º Junto quase à sua foz em cousa de dez ou doze léguas, afirmam outros mineiros que tem sinais de ouro em muitas partes. Junto do [13] rio chamado Cupari, que deságua em cousa de quatro dias de viagem da parte de leste <do Tapajós>, se acham pedras com muito metal <e> parece ferro. Pelo rio acima se acham pedras, muitos minerais de mármore, pedra pomes e cristal, além de ter nas suas visitosas praias muitos topázios e muitas outras pedrinhas finas de várias cores. Se tem já achado também alguns diamantes e muitos outros minerais se presumem descobrir no dito rio Tapajós se principiar a ser povoado, porque só na sua boca tem algumas poucas povoações de índios, que nada tratam de ouros, pratas ou outros alguns metais, contentes só com terem de comer e beber.

8º Não é menos rico o rio Xingu, que deságua no Amazonas em 3 gr. de latitude e 325 de longitude, porque primeiramente as suas cabeceiras, que são na chapada grande, já dissemos que tudo é um contínuo mineral. Nele

21 desembargador ?

22 Como acima.

deságua um rio chamado Claro, tão rico que lhe chamam os mineiros Paiol de Diamantes; alguns duvidam se este rio é o que já dissemos chamado Pilões, que deságua no rio Araguaia, cujos diamantes são tantos também que lhe chamam da mesma sorte Paiol, mas o mais certo é serem diversos rios, como afirmaram alguns mineiros que tinham andado pelas cabeceiras de um e outro rio. Ultimamente o confirmou o mineiro supra, João de Sousa *<de Azevedo>*, porque pretendeu subir pelo rio Xingu acima até o dito rio Claro ou Paiol, para o que mandou fabricar vários instrumentos de que usam os mineiros para tirarem do fundo do rio o ouro, diamantes e as mais preciosidades que querem; e o deixou depois por obra, com bom peso seu, por o impedirem os missionários das aldeias que estão na boca do rio Xingu, não querendo *<eles>* dar-lhe índios por *[para]* não irem contra as ordens de El Rei. Por cuja falta, e também por o intimidarem com os perigos dos índios bravos que tem nas suas margens o Xingu rio acima. E dizia o mineiro, queixando-se, que lhe bastava uma só noite ou dia minerar com os seus negros para voltar rico de ouro e diamantes, e que não tinha medo da escolta que lá andava porque enquanto, dizia ele, uns negros brigam com a escolta, os outros bastam a tirarem grande cabedal; embora que (note-se a razão que dava, para se fazer conceito da larga consciência daquele branco, cujo intento é só enriquecer para esta vida e esquecer da Eterna) custasse a morte de alguns negros e índios (pobres índios e pobres negros ! cujas vidas e almas não são avaliadas dos *[pelos]* brancos em mais do que se fossem feras do mato !). Mas tornando aos diamantes do rio Claro, são tantos que dois soldados, que dele ou da sua escolta desertaram e se foram meter nas missões de Castela, levaram consigo, e lá mostraram, duas libras de diamantes que às escondidas dos mais foram apanhando.

9º. Mais prova, ainda, a confissão de um aventureiro, o qual (é certo que não disse o lugar onde os tinha havido), sendo desterrado das minas, por seus crimes, para a de África, onde morreu, mui brevemente confessou que ele, só em diamantes, tinha deixado escondido nas minas um frasco de diamantes [14] cheio, dos quais os mais inferiores eram de 5 mil cruzados para cima. E de que lhe aproveitou a este homem tanta riqueza, se a havia de deixar escondida na terra *<?>*, se talvez nem ele nem outrem se aproveitar porque ainda que deixou alguns indícios do lugar e [?] para vir desenterrar a quem o revelou, moralmente *<nem>* aquele, nem seus herdeiros, se aproveitariam pela grande distância dos lugares, como eram África, onde o revelava e América, onde estava enterrado, e só vem a servir esta no-

tícia para se vir em conhecimento da multidão ou abundância de diamantes quealtam [?] este grande tesouro.

10. Aquele grande lago que dizem os índios do mesmo rio Xingu haver no centro dos seus matos, de que dá notícia o Pe. Betendorf na sua crônica dos varões ilustres da Companhia *<de Jesus>* da província do Maranhão e Pará e seus progressos nas missões, cuja ['que'] apontei na descrição daquele rio na Primeira parte, também mostra ser ['ter'] um tesouro nas suas margens, porque afirmam os índios que as suas praias luzem como ouro, e se não fosse a comum opinião dos geógrafos e históricos do Amazonas, que todos supõem estar na banda do norte e entre os rios Urubu, Negro e Japurá o encantado lago dourado Parima com a sua cidade de ouro Manoa, com grande fundamento se podia suspeitar ser *<no>* rio Xingu, onde dizem os naturais que também há povoações como do europeu, mas por ser rio acima e muitos dias distante, no centro dos matos, cujos caminhos ou jaibinhos²³ só são freqüentados por feras e índios bravos comedores de gente, não há quem se anime a examinar com seus olhos o que há na verdade, e só houve um português que muito se adiantou, mas finalmente voltou para baixo e só provava que naquelas paragens havia gado vacum porque achava e trazia para prova dele um famoso corno de boi que achou na terra. O tempo virá a descobrir o que na verdade houver.

11. Junto ou não muito acima da sua boca, até onde é só povoado este rio Xingu com algumas poucas povoações de índios, porque toda a sua mais longitude de quatrocentas léguas pouco mais ou menos, todo é despovoado como todos os mais rios colaterais, e só são povoados dos índios bravos, estão umas minas de ouro em tanta abundância que se vêem na mesma flor da terra, nas margens ou cabeceiras de um pequeno riacho, como descobriu um morador que veio. Posto que por falta de quem o ajudasse, porque não tinha escravos e não se fiava dos brancos, nunca se pôde aproveitar e quando andava escogitando o modo, adoeceu mortalmente; e em agradecimento ao hóspede que lhe assistiu caritativo na doença, lhe revelou o segredo. Mas como era religioso, *<este>* fez pouco caso da notícia, e só pouco a pouco se foi espalhando a fama de que havia ali perto minas de ouro num riacho; mas como estes são muitos e não declarou o religioso qual era, ficaram as ditas minas ainda sub Roza [?], se é que já não estão descobertas.

12. E se os leitores censurarem de negligentes aos portugueses que habitam [15] na boca do rio e podiam ainda, só por passeio e divertimento como fazem quando vão à

23 Sulcos; trilhas.

caça, por não indagarem o tal tesouro que já sabem *<que>* têm perto, muito mais estranharão a sua descuriosidade em não se resolver nenhum a experimentar o metal de umas grandes pedras que tem o rio no meio, mas fora d'água, a que os naturais, pela semelhança do seu som com o som dos sinos, chamam Itamaracá na sua língua, isto é sinos: tocam-lhe com a unha e fazem o som de um sino, por cuja razão todos os supõem ser metal, ou que tem muito metal, e muitos por divertimento lhe tocam, mas nenhum se resolve a ver que metal seja. Tem-se achado nas suas alegres praias várias pedras preciosas, quando não sejam verdadeiros diamantes, de que aqueles moradores têm pouco conhecimento.

13. Muitos outros rios medeiam entre o Xingu e *<o>* Tocantins, mas todos inhabitados de portugueses e por isso nada se sabe dos seus minerais, posto que se presume terem também alguns, por serem todos os rios e suas margens semelhantes. Das cabeceiras do grande rio Tocantins já falamos ser um quase contínuo mineral; no mais espaço do rio, como também do outro grande rio Araguaia, nada se sabe, também por inhabitados, e só se sabe que o rio Tocantins tem muitas pedras de antimônio, que também são estimáveis, e um prático da foz do rio e das suas cabeceiras foi o que advertiu nas pedras de antimônio *<e>* afirmava que toda a sua terra é um contínuo mineral.

14. Na mesma margem do sul, na boca do Amazonas, se sabe de certo haver minas de ouro, e o revelou um morador à hora da morte, pedindo a seu confessor conselho se devia ou não descobrir [*'revelar'*] a quem tocava*<m>* as tais minas, que ele sabia de certo estarem nas cabeceiras de um regato na banda do Amazonas; o que lhe resolveu o confessor ele o sabe, mas as minas ou ficaram encobertas, ou os avisados se callaram, porque só se foi divulgando que as havia, mas nenhum afirmava aonde eram e deste modo sabem muitos particulares de muitos outros minerais, e porque se não podem aproveitar a si ou o não queram fazer por não descobrirem o achado, sucede que ninguém se aproveita.

Cap. 4º.

Dos minerais do rio Amazonas da margem do sul nos domínios de Castela.

1º. Estas são as minas de que se sabe na margem do sul na região do Amazonas nos domínios portugueses, ainda sem falar nas minas de pedra azul que há junto à boca no rio Xingu e nos muitos topázios e infinidade de outras pedras finas que se acham no mesmo rio e em quase todos, umas triangulares, outras ova*<la>*das, piramidais, oitavadas, muitas resplandecentes, rosas, vermelhas, brancas. Há pedras nefríticas, pedras de águia, outros minerais de

pedra azul no rio Coroa [Curuá?], que todas são estimáveis, posto que os seus moradores nenhum caso fazem delas. Não é menos rica a margem do Amazonas do sul em que vamos falando nos domínios de Castela, que se seguem [16] desde as minas de Mato Grosso até o mar Pacífico, do qual distam as cabeceiras do Amazonas só cousa de dez léguas. E principiando pelo dilatado império do Peru, é certo que não tenho individuais notícias dos seus muitos minerais, assim de ouro como de prata, porém para dar aos leitores alguma notícia de que possam formar conceito do seu grande tesouro, basta trazer à memória o que já referí na Primeira parte, falando do Peru por notícias certas de Mr. Condamine, que o viu com os seus olhos.

2. É em substância que são tantas as riquezas da cidade de Lima, sua capital, que nos templos, em qualquer festa, não das maiores mas ainda nas mais ordinárias, não se vê nem se oferece aos olhos de quem neles entra, senão ouros, pratas e pedrarias preciosas. O mesmo também se admira nas salas e palácios dos nobres <e> mais é o que se conta da plebe, e é que é tanta a riqueza das suas minas que qualquer mulher ordinária não sai à rua ou às suas visitas com menos custo de sessenta mil cruzados em seu ornato. Na cidade de Cusco, que antes dos castelhanos mudarem a Corte para Lima era capital e corte dos imperadores Incas, senhores daquele império, se escreve nas histórias ser antes tanta a riqueza que as mesmas alfaias de casa como panelas, pratos e todos os mais utensílios eram de ouro ou de prata, como também muito ornato ainda externo e telhados das mesmas casas, que bem se aproveitaram os castelhanos quando entraram naquele vasto e riquíssimo império. Ainda hoje se enriquecem com as suas mui rendosas minas, como denota o grande fausto que já dissemos de Lima, como também da grande vila de Porto Calhao, pouco distante de Lima e muitas outras povoações daquele vasto império.

3º. E com ser tão rico, a sua mais rica província é a que chamam Província dos Charcas, que fica a sul de Lima e Cusco e confina por oeste com o mar do Sul ou mar Pacífico e com o reino de Chile, e por sul com a Província do Paraguai, e fica ou abraça muita parte da Chapada grande entre as vertentes de rios do Amazonas. Todos afirmam ser esta a província mais rica, não só no império do Peru, mas ainda em toda a América, e das suas muitas riquezas vem o chamarem à sua capital cidade de S.Juan del Oro. Nesta província estão as riquíssimas minas do Potosí, de que se tem tirado imensa prata e ainda se continua a tirar com tal abundância, com tão grande tesouro, que bastavam só estas minas para enriquecer toda a América, e donde saem todos os anos imensas somas

para a Europa. Porém, além do Potosí, tem também muitas outras minas de ouro e outros metais.

4º. O reino de Chile é certo que já fica fora do Amazonas, mas por confinar com ela e por abraçar muitas partes das montanhas que pela parte do sul servem de lado ao Amazonas nos montes que chamam Andes, também muito engrandece o grande tesouro americano, porque nas suas serranias são tantos os minerais como na mesma Província dos Charcas, e basta dizer, para fazer conceito das suas grandes riquezas, o que na Europa relatava um missionário que foi muitos anos naquele reino: que era tanta a prata em Chile, que vinha a ter só a estimação do ferro e que por isso tinha a serventia do ferro em tudo o que podia supri-lo, e que o ferro é no Chile mais estimado que a mesma prata. Bastam essas tais quais notas para os leitores fazerem conceito do grande tesouro do Amazonas enquanto não descrevermos com mais individuação os seus muitos minerais; porém, como o principal tesouro das terras não consiste nos seus minerais, mas na abundância e fertilidade do seu terreno, eu vou já mostrá-lo no fertilíssimo Amazonas.

Trat. 2º.